

Lixo e Entulho

Fábio Vasconcelos

Jornalista e aluno do mestrado de Comunicação Social da UERJ.

Resumo

As mudanças sociais ocorridas na modernidade até a contemporaneidade transformou a forma como pesquisadores e profissionais de comunicação olham as novas sociabilidades. Neste artigo, analiso essas mudanças para entender como a cultura passou a ser um dos principais campos de pesquisa na cidade contemporânea.

Abstract

The social changes occurred from modernity to contemporary life, transformed the way in which researchers and professionals of communication look at new sociabilities. In this article I analyse these changes to understand how culture starts to be one the main research fields in a contemporary city.

REVIRANDO A CULTURA*Mudanças e problemas na maneira de pensarmos as representações dos estilos de vida da cidade contemporânea*

Publicado no jornal O Globo, um artigo da Associação Brasileira de Propaganda (ANB) alertou os profissionais em comunicação para mudanças que deveriam adotar na chamada “sociedade da informação”. Intitulado “Menos preconceito na propaganda”, o texto da ANB diz que “foi-se o tempo em que o anúncio de automóvel vendia apenas automóvel. Hoje o que se vende é conceito, comportamento, atitude. Mais importante que as mercadorias que a Humanidade produz são os valores que esta Humanidade precisa produzir”¹. Essa observação da ANB, que a princípio poderia soar apenas como estratégia de propaganda, merece aqui uma maior reflexão. Ela deve ser compreendida num contexto muito maior, que leve em consideração as transformações sociais ocorridas na contemporaneidade, e não apenas preocupações o consumo e suas implicações. Neste artigo, tentarei mapear essas alterações a fim de entender os motivos que levaram não só publicitários, mas também pesquisadores sociais a trazerem para primeiro plano a preocupação com os valores produzidos pelos indivíduos, o que prefiro chamar de cultura. Por fim, usarei como recurso a definição de espaços de Milton Santos para analisar a constante resignificação de símbolos na cultura da cidade contemporânea, cenário dos mais diferentes estilos de vida.

119

DOIS OLHARES

Embora o tema seja bastante debatido, as mudanças sociais ocorridas na modernidade até os dias de hoje serão resumidas aqui para melhor estruturar nosso pensamento. Essas alterações começam com a ligação entre mercados de diferentes países iniciada por volta do século XV, período das grandes navegações marítimas. Hoje batizado por alguns de globalização, esse processo sofreu importantes alterações com a revolução industrial e o desenvolvimento econômico, que acabariam formando os grandes centros financeiros do mundo. A certeza no progresso tecnológico, as descobertas da ciência, o domínio territorial, e a promessa de que o futuro era de glória e bem-estar levou ao que ficou conhecido como “projeto-moderno”. Esse ideário, contudo, não pode ser visto apenas do ponto de vista político e econômico. As transformações ocorridas até então trariam conseqüências também no campo simbólica. As instituições do estado administrador dominaram o discurso da realidade social, centralizando e coordenando as representações sociais conforme seu modelo.

Essa força do estado que tudo administrava contaminou também pesquisadores sociais. Karl Marx, por exemplo, compreendeu a realidade a partir de lutas de classes, no qual a empresa e o estado eram os principais produtores do discurso. Era um pensamento verticalizado que acreditava na unidade das

instituições modernas, responsáveis pelo mapeamento e valorização das representações coletivas, como também se deteve Durkheim em seus trabalhos. A aceleração do capitalismo ao longo do século XX, contudo, trouxe novas configurações, desmantelando, principalmente, a idéia bem acabada do social administrado. As empresas deixam de estar limitadas ao território da nação para se tornarem transnacionais com a produção, montagem e administração divididas em várias partes do mundo. Surgem também as empresas de capital flutuante, que nada produzem, apenas vagam pelas bolsas de valores diariamente. As instituições modernas, por sua vez, entram em crise. A promessa do futuro de bem-estar feita pelo estado entra em colapso, já que o próprio estado perde a festejada capacidade de administrar sozinho o presente. No plano simbólico, as transformações são ainda mais bruscas.

O aparecimento de novas tecnologias de comunicação e transporte acelerou os fluxos material e informacional, aumentando as trocas de bens não só entre países e empresas mas também entre indivíduos. O contato com diferentes estilos de vida misturou culturas e desestabilizou a idéia de que havia apenas as representações criadas pelo “projeto-moderno”. A diversidade e o reconhecimento da existência de outros espaços colaboraram para a fragmentação da realidade social, levando ao que ficou conhecido como a “crise das representações modernas”. A crise revelou a impossibilidade das representações coletivas de darem conta da complexidade das interações sociais, que agora não aconteciam apenas nas relações face a face e territorialmente definidas, mas em espaços desterritorializado, sem um centro específico e em caminhos até então desconhecidos. Ou seja, o institucional deixava de ser o único autor do discurso que construía a realidade. As clássicas representações perdem força ou são transformadas agora por um amontoado de novas vozes que surgem também pelas redes informacionais.

Essa euforia, contudo, não fez desaparecer no plano prático o estado e suas instituições, mas provocou mudanças. Nas palavras de Zigmunt Bauman a experiência da contemporaneidade “é igual a dos passageiros que em pleno vôo descobrem que a cabine do piloto está vazia”. Na cabine do vôo de Bauman agora cabem não só o estado, mas os grupos e comunidades que também reivindicam espaço e direito à voz e se questionam, inclusive, qual o destino do vôo de cada um. A questão da discriminação racial, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a pirataria são exemplos de como o cenário se tornou muito mais complexo e fragmentado, exigindo um esforço muito maior do institucional para remodelar suas normas. Isso não quer dizer que essas questões (pirataria, discriminação) já não existissem, entretanto, elas não tinham visibilidade e, portanto, não participavam das representações sociais.

Esse aparecimento de um cenário social fragmentado provocou alterações também no campo dos agentes de comunicação. Não é à toa que há muito tempo assistimos ao surgimento de revistas, jornais e canais de tv cada vez mais preocupados com segmentos específicos da sociedade. Percebe-se como a

própria comunicação vem direcionando suas publicações para atender grupos que habitam a mesma cidade contemporânea, e que podem apresentar diferentes maneiras de levar a vida. Essa preocupação diante do cenário da “sociedade da informação”, com sua capacidade de deslocamento das culturas, e ao mesmo tempo de transformar velhas formas de vida, é que vem modificando discursos como o da ANB, conforme citado inicialmente.

A CULTURA COMO ANCORAGEM

A transnacionalidade de pessoas, negócios e culturas com seus valores simbólicos fragmentou a representação da realidade social e ampliou o espectro das sociabilidades. Diante disso, qual seria a saída para quem se interessasse em compreender a representação social complexa? Para muitos pesquisadores, esse fluxo de informação com sua infinidade de discursos vem provocando alterações no campo dos estudos sociais, entre elas a que ficou conhecida como a “virada cultural”. Apontada como um dos principais caminhos para o estudo da realidade social, a cultura deixou de ser apenas produção artística. A mudança na maneira de pensar a cultura começou com o antropólogo Clifford Geertz, na segunda metade do século XX. Geertz entendeu que a cultura era uma rede de significados que os indivíduos recorriam para dar sentido à realidade social. Em outras palavras. As práticas sociais, geradoras de discursos, só fazem sentido dentro de um campo de referência significativa compartilhado por todos os membros de um grupo e que devemos chamar de cultura.

Para Stuart Hall, “a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas”². Hall acrescenta que toda ação do indivíduo é significativa tanto para quem pratica, quando para quem observa. Eles recorrem uma série de significados para classificar, ordenar e regular a conduta de uns em relação aos outros. Desde a segunda metade do século passado, portanto, a cultura, entendida como um conjunto de símbolos transmitidos e ordenados pela linguagem e que ajudam a constituir o real, passa a ser um dos principais campos de estudo para os pesquisadores que buscavam saídas para a compreensão das representações da realidade social.

Essa virada da cultura ocorreu também entre os historiadores. Peter Burke explica que “o terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o símbolo e suas interpretações. Símbolos conscientes ou não podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana”. É como se os historiadores fugissem das amarras de um idêa de história unitária e cronológica de uma época, para encararem uma nova fase, a de que a “grande história” não deu conta de todas as narrativas, principalmente a história dos que não estavam no espaço institucional. Mike Featherstone, outro autor que também analisa extensamente a virada cultural, diz que a cultura já deve ser colocada lado a lado dos processos

políticos e econômicos quando se pretende compreender a realidade social. Featherstone diz ainda que o discurso que esses campos apresentam é resultado de um conjunto de símbolos da nossa própria cultura. De certa maneira, o pensamento de Featherstone se aproxima de Stuart Hall e aqui vai servir para avançarmos na compreensão o artigo da ANB, quando diz que “mais importante que as mercadorias que a Humanidade produz são os valores que esta Humanidade precisa produzir”. Esses “conceitos” podem ser traduzidos como o conjunto de idéias que formam a cultura da cidade, de um grupo ou de uma comunidade na contemporaneidade. Na proposta da ANB, podemos notar essa clara virada da propaganda para a questão da cultura, ou seja, da preocupação em compreender os valores e conceitos criados pela sociedade como forma de representar seu estilo de vida na cidade e, no caso da propaganda, tentar traduzir seus desejos de consumo. Abandona-se, portanto, a idéia moderna de que pelas classificações meramente econômicas, ou no velho estilo centrado na divisão de classes, poderia-se entender a maneira como uma sociedade ou grupo constroem seus discursos, agora fragmentados numa interminável rede de falas que fluem também das trocas simbólicas globais. Chegamos, entretanto, a um outro problema. Como pensar a cultura urbana na contemporaneidade quando as trocas de bens simbólicos se aceleraram, provocando o deslocamento de várias culturas? Como é possível uma idéia mais ou menos estável de cultura da cidade em constante resignificação?

Esse impasse já é bastante discutido por pesquisadores sociais. Nestor García Canclini, por exemplo, fala de uma cidade como videoclipe de imagens “saqueadas de todas as partes” sem uma idéia totalizadora, nem mapas delimitadores. Radicalizando, poderíamos lembrar ainda os estudos de Jean Baudrillard sobre o simulacro, que fala da impossibilidade hoje de pensarmos a realidade pelos discursos representados. Para o autor, vivemos um período em que não é possível mais demarcar a diferenciação entre o real e o imaginário, dada à reprodução infinita de códigos. Estaríamos assim num ambiente do simulacro, no qual a representação do objeto já não corresponde diretamente ao real, mas a uma idéia que já fora e muito transformada.

Beatriz Jaguaribe, por sua vez, ajuda a compreender esse quadro. Segundo ela “a figura do flâneur, transitando entre a multidão, já não recobra sentido na medida em que a experiência da fusão e do contraste entre o transeunte solitário e a multidão, entre a fugacidade do instantâneo e sua representação, já não é capturada por correspondência epifânicas”. Apesar dessa visão aproximada de Canclini e de certa maneira de Baudrillard, Beatriz lembra que não se pode descartar a interferência do indivíduo, nem tampouco acreditar num determinismo tecnológico na construção simbólica. Segundo a pesquisadora “A metáfora do videoclipe aponta para as estéticas da descentralização simbólica. Com isso, não se esgota a plasticidade dos imaginários que são veiculados pelos meios de comunicação, transcritos em crônicas e expressos em práticas

comunitárias, instâncias pessoais e políticas agenciadoras”.

OS SÍMBOLOS E SUAS LOCALIDADES ESPACIAIS

Com essas observações, fica claro que a análise da construção de realidade social, ou melhor, da cultura urbana contemporânea, precisa levar em conta tanto a parafernália tecnológica, por onde flui os bens simbólicos mundializados, como também a participação do indivíduo e sua localização nesse processo de ressignificação. Para ampliar essa exposição, gostaria aqui olhar a construção da representação do estilo de vida urbano usando como suporte o estudo de Milton Santos apresentado em “Por uma outra Globalização”. Santos descreve os espaços urbanos como marcados por horizontalidades e verticalidades. Nas verticalidades, estariam as diversas instituições modernas, como o estado, economia e a política responsáveis pelo controle, consumo, tecnologia, distribuição e ordem. Nas horizontalidades estariam as ações da localidade, do cotidiano do ator social, suas subjetividades, tradição, ou as chamadas “contra-racionalidades”, aquilo que não é coordenado pela ação do aparato da técnica ou das instituições. O indivíduo da cidade contemporânea convive indissociavelmente com esses dois modelos, tendo que negociar com eles por todo instante.

123

Mas nem essas forças são estáticas. Os atores sociais transformam as verticalidades e as horizontalidades, gerando novas significações e, portanto, colaborando para a construção da cultura urbana contemporânea. A meu ver, nesse processo de ressignificações aconteçam escapes, símbolos que não são assimilados pela cultura urbana e que serão capturados posteriormente ou estarão exercendo resistência às novos significados. Esses “símbolos-resíduos”³ representam esses códigos que escapam durante o embate dos espaços do vertical e do horizontal ou também no interior desses próprios espaços. Chamo de símbolo-resíduo por entender que os símbolos não se formam de maneira original, mas numa recombinação com outros códigos já existentes. Nessa negociação, partes de outros símbolos são sempre chamados a darem significado às novas formas, assim como outros são temporariamente esquecidos. Essa metáfora do símbolo-resíduo, contudo, precisa ser dividida em outras duas: “símbolos-verticais” e “símbolos-horizontais”.

Os “símbolos-verticais” estão no espaço da racionalidade e, por serem abrigados pela verticalidade podem, sempre após o escape, retornar aceleradamente para a cultura da cidade, transformando ou ressignificando a idéia do estar na área urbana. Essa idéia do “símbolo-resíduo” que é descartado, mas que participa de um universo que promove seu retorno, é um jogo que pode ser exemplificada pelas campanhas de reciclagem de lixo. O termo reciclar revela uma operação da contemporaneidade de reconhecer o “lixo” como produto de uma cultura que deve sofrer uma intervenção para ser reutilizado, ainda que de outra forma, contexto ou valor. A idéia é ambígua. Ao mesmo tempo

em que afirma o resíduo como detrito, e portanto, descartável, a cidade contemporânea se organiza para permitir e ordenar a reciclagem, como forma de remodelar seus produtos simbólicos e assim reassimila-los. Para isso, o espaço da racionalidade aparelha-se tanto na ordem do consumo (criando embalagens com notas indicando produtos biodegradáveis, recicláveis), quanto na política (leis que obriguem o indivíduo a coletar, e embalar separadamente o lixo) e na cultura (a disseminação da importância de proteger o do meio ambiente, e ser ecologicamente responsável). Percebemos dessa maneira que mesmo os valores simbólicos do espaço da verticalidade que escapam, retornam com ajuda do aparato do campo da racionalidade para transformar a cultura da cidade.

Paralelamente a isso, há também nessa cultura contemporânea a idéia do “símbolo-horizontal” que, fora do espaço da verticalidade, já que não há reciclagem técnica para ele, está, como próprio nome faz referência, no campo da horizontalidade. Em geral não há uma cultura de compartimentar, selecionar, recolher e reciclar o “símbolo-horizontal”. Ele é livre do espaço da racionalidade, embora permaneça na urbanidade. Os “símbolos-horizontais” se perpetuam e se transformam dentro da socialidades, conforme a idéia de Michael Maffesoli. Segundo o autor, as socialidades são as interações que ocorrem num estar-junto desejado por todos os membros do grupo, sem que para isso tenhamos que recorrer a alguma explicação racional. Não se discute, nem se explica a funcionalidade desses encontros. Eles surgem da vontade que os indivíduos têm de estar reunidos com outros indivíduos, independentemente das suas origens. A transferência, portanto, desses símbolos-horizontais são mantidos nas interações face a face e é, de certa forma, onde as socialidades guardam sua ligação com o passado, com a tradição, pois não se preocupam com a ordem, técnica, progresso ou velocidade. Esses “símbolos-horizontais” estão no campo das subjetividades, crenças e livres das normas. São símbolos que remetem a algo que se contrapõe a velocidade do espaço vertical, aquilo que oferece resistência à aceleração contemporânea.

Essa separação entre esses dois espaços dos símbolos é arbitrária, quando pensamos a cidade contemporânea, que, como Milton Santos lembrou, é atravessada por esses dois modelos. É esse choque e apropriação de símbolos horizontais e verticais que constitui a cultura urbana da contemporaneidade. Enquanto a “símbolo-vertical” opera velozmente transformando códigos globais e deslocando imagens locais, o “símbolo-horizontal” vai promover uma leitura territorializada dos símbolos. Como lembra Beatriz Jaguaribe, não podemos negligenciar esquecendo dos agenciamentos humanos na construção dessa cultural da cidade. No Rio, como em qualquer metrópole, poderíamos citar vários exemplos de como os símbolos verticalizados são transferidos para o horizontal, e vice versa, construindo um cenário bastante fértil para o estudo social.

Um desses exemplos seria a de executivos, empresários, e pessoas que trabalham nos modernos escritórios no centro do Rio e que às sextas-feiras

vão para o “Beco da Sardinha”, um tradicional espaço da cidade com dezenas de bares, cercado de mesas com grandes aglomerações de grupos de amigos. Temos aqui uma idéia de como os indivíduos da cidade contemporânea interligada às verticalidades transitam pela urbanidade, criando laços de interações sociais em espaços da horizontalidade. Outro exemplo que pode ser lembrado é o ressurgimento da Lapa, no Rio, que relembra a memória da boemia do centro da cidade agora povoada por casas de show, samba, choro e bares onde se reúnem pessoas de todas as gerações, revelando como a contemporaneidade se apropria de espaços da cultura tradicional da cidade que tinham sido esquecidos.

Portanto, esquecer que por traz de toda parafernália tecnológica existem indivíduos que não deixaram de participar das socialidades, do contato face a face e, portanto, das trocas de símbolos horizontais, é olhar apenas para a técnica como promotora da cultura urbana, como se a apropriação local não exercesse qualquer leitura particularizada. Por outro lado, compreender a cidade contemporânea apenas pelas interações face a face é esquecer que a cidade é o locus das transformações simbólicas e, portanto, geradora de novas imagens sobre o estar na cidade justamente pelo aparecimento das técnicas aceleradas de transmissão de novos códigos. Em outras palavras, esse processo se assemelha com a idéia de transcultura de Renato Ortiz, na qual a mistura de símbolos da cultura global, acelerada que circula pelos meios técnicos transforma a cultura local ligada à tradição. Entretanto, neste artigo, procurei chamar a atenção para os resíduos, os símbolos que escapam desse processo de transculturação. São resíduos que, ao olharmos pela definição de espaços de Milton Santos, indicam que essas transformações culturais operam em velocidades diferenciadas. Enquanto na verticalidades os símbolos escapam e retornam velozmente sob novas imagens, na horizontalidade os símbolos não são capitados facilmente pela lógica tecnicizada, pois ocupam espaços das subjetividades, propagando-se em outras direções e ordens.

Essa diferença entre esses dois sistemas simbólicos favorece uma tensão e uma troca construtiva para a cultura contemporânea. Para finalizar, retorno à proposição da ANB, no início deste artigo, que alerta os profissionais de comunicação para os conceitos e valores criados na cultura urbana da cidade. A recomendação remete à saída da modernidade, a medida que deixamos de ouvir apenas as instituições do estado-nação construtores de discurso, para olharmos também para os milhares de outros discursos produzidos pelos atores sociais, em suas diversas sociabilidades urbanas atravessadas tanto pelas verticalidades quanto pelas horizontalidades. Esse olhar busca nos símbolos da cultura uma definição mais ou menos clara dos novos estilos de vida na cidade, mas por outro lado torna essa tarefa inacabada, já que a cultura da cidade opera tanto pelo deslocamento dos símbolos, como também pela manutenção de símbolos ainda que com novos acabamentos.

NOTAS

¹ Artigo do ANB foi publicado no Globo, dia 9 de maio de 2005, e assinado pelo presidente da associação Armando Strozenberg. Ele complementa o artigo dizendo que "ter comunicação, fazer comunicação, trocar comunicação é tomar parte da sociedade da informação. É estar dentro, na brincadeira. Dançar a dança das cadeiras".

² Essa análise de Stuart Hall foi publicado no quinto capítulo do livro *Media and Cultural Regulation*, da série organizada pela Open University denominada *Culture, Media and Identities*, editado na Inglaterra em 1997.

³ De forma simples, a metáfora dos símbolos-resíduos representa os símbolos que, mesmo transformados pela cultura urbana contemporânea, não são capitados em sua totalidade. Dessa maneira, os símbolos verticais estão sempre retornando aceleradamente, com novos feições, enquanto que os símbolos horizontais operam em outra velocidade e fora os circuito tecnicizado. É por esse embate e entrelaçamento desses dois campos simbólicos que se produz a cultura da cidade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Editora Bertrand Brasil, 1997

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização e as Conseqüências Humanas*, Editora Jorge Zahar, 1998.

_____ *O mal-estar da Pós-Modernidade*, Editora Jorge Zahar, 1998.

_____ *Modernidade Líquida*, Editora Jorge Zahar 2001.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?*, Editora Jorge Zahar 2002.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas - Estratégias para entrar e sair da Modernidade*. Editora Iluminuras 2003.

CASTELLS, Manuel. *A Questão Urbana*. Editora Terra e Paz. 2000.

DEBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo*. Editora Contraponto 1997.

FEATHERSTONE, Mike. *O Desmanche da Cultura*. Editora Nobel 1995.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Editora Zahar 1989.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Editora DP&A 1992.

_____ *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Editora.

JAGUARIBE, Beatriz Fins de Século: cidade e cultura no Rio de Janeiro. Editora Rocco 1998.

ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade*. Editora Brasiliense 1994..

_____ *Mundialização e Cultura*. Editora Brasiliense 1994.

SANTOS, Milton. *A Natureza dos Espaços*. Editora Unesp 2002.

SANTOS, Milton. *Por um outra Globalização*. Editora Unesp 2002.

SANTOS, Douglas. *A Reinvenção do Espaço*. Editora Unesp 2002.